



COLEÇÃO DA

GINÁSTICA ARTÍSTICA

MASCULINA DO BRASIL

NOS JOGOS OLÍMPICOS

VOLUME 3

LONDRES 2012 A PARIS 2024



★
GUILHERME KAMEL



Catalogação na Publicação (CIP)

K263p KAMEL, José Guilherme Nogueira.

A participação dos atletas da ginástica artística masculina brasileira nos Jogos Olímpicos Londres 2012 a Paris 2024 - Volume III / José Guilherme Nogueira Kamel. - Belém: Autopub Editora, 2026. 44 p.

1. Ginástica artística masculina. 2. Jogos Olímpicos. 3. História.
1. A participação dos atletas da ginástica artística masculina brasileira nos Jogos Olímpicos Londres 2012 a Paris 2024 - Volume III.

ISBN: 978-65-83093-51-6

DOI: 10.46898/autopub.73117d09999d

CDD: 796



Conselho Editorial

Editor-Chefe

Prof. Dr. Ednilson Souza UFOPA

Membros do Conselho

Profa. Msc. Andria Raiane Coelho Campos SEMEC-STM

Prof. Msc. Éfrem Colombo Vasconcelos Ribeiro IFPA

Prof. Msc. Jorge Carlos Silva ULBRA

Profa. Msc. Vaneza Nascimento de Oliveira Mélo FICS

Profa. Dra. Irlana Jane Menas da Silva UEFS

Profa. Msc. Daniela Emilena Santiago Dias de Oliveira UNIP

Profa. Dra. Rejane Harder UFS

Prof. Msc. André de Araújo Moraes UNESP

Créditos

© 2026 Edição brasileira

by Autopub Editora

© 2026 Texto

by Autor

Todos os direitos reservados

Autopub Editora

CNPJ 54.303.895/0001-62

Telefone: (91) 98420-6856

contato@autopubeditora.com

Ed. Rogério Fernandez Business Center - Tv. Quintino Bocaiúva, 2301 - Batista Campos,
Belém - PA, 66045-315

www.autopubeditora.app.br

Editor-Chefe: Prof. Dr. Ednilson Ramalho

Projeto editorial: autopubeditora.com

Revisão: Autor

Bibliotecária: Janaina Karina Alves Trigo Ramos (CRB-8/009166)

Produtor editorial: Rosy Borges

A Participação dos Atletas da Ginástica Artística Masculina Brasileira nos Jogos Olímpicos Londres 2012 a Paris 2024

Volume III



Guilherme Kamel

Dedicatória

Dedico esta obra a todos os atletas da Ginástica Artística Masculina Brasileira que, entre os Jogos Olímpicos de Londres 2012 e Paris 2024, escreveram as páginas mais brilhantes da história da modalidade em nosso país.

A Arthur Zanetti, Diego Hypólito, Arthur Nory Mariano, Sérgio Sasaki, Francisco Barreto, Caio Souza, Diogo Soares e a todos os ginastas que representaram o Brasil com coragem, disciplina e excelência, demonstrando que o talento, aliado ao trabalho e à perseverança, é capaz de transformar sonhos em conquistas históricas.

Dedico, igualmente, esta obra aos treinadores, preparadores físicos, fisioterapeutas, médicos, psicólogos, árbitros, dirigentes, clubes, federações e familiares que, muitas vezes longe dos holofotes, contribuíram de maneira decisiva para a formação desses atletas e para o fortalecimento da Ginástica Artística Brasileira.

À minha família, pelo apoio incondicional, pela compreensão e pelo incentivo permanente durante toda esta jornada de pesquisa e escrita, fundamentais para a concretização desta obra.

Por fim, dedico este livro a todos aqueles que acreditam na importância da preservação da memória esportiva. Que as histórias aqui registradas sirvam de inspiração para as futuras gerações de ginastas, pesquisadores e profissionais da Educação Física, reafirmando que cada conquista olímpica é fruto do trabalho coletivo de muitas pessoas que, com dedicação e paixão, ajudaram a construir a história da Ginástica Artística Masculina Brasileira.

Sobre o autor

Formação

- Graduado em Educação Física, 1990 (CREF 0695-G/RJ).
- Graduado em Fisioterapia, 2000 (CREFITO 55228-F).
- Especialista em Musculação, 1991.
- Especialista em Metodologia do Ensino de Educação Física, 2026.
- Mestrado em Educação Física na Universidade Salgado de Oliveira, 2015.
- Doutorando em Educação Física na Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Atuação profissional atual

- Professor de Educação Física da Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro.
- Professor de Educação Física da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC/ RJ).

Livros

- Nutrição e atividade Física, Sprint, 1996.
- A Ciência da Musculação, Shape, 2004.
- Influências do Professor Enrique Rapestá na Ginástica Artística Brasileira (1950-1990) Autografia, 2015.
- Educação Física Escolar e BNCC: um novo caminho, Autografia, 2022.
- Ginástica e Educação Física Escolar: história, fundamentos e perspectivas contemporâneas, Autopub Editora, 2026.
- A Participação dos Atletas da Ginástica Artística Masculina Brasileira nos Jogos Olímpicos (1980–1992), Autopub Editora, 2026.
- A Participação dos Atletas da Ginástica Artística Masculina Brasileira nos Jogos Olímpicos Atlanta 1996 a Pequim 2008, Autopub Editora, 2026.

PREFÁCIO

A preservação da memória esportiva constitui um compromisso fundamental para compreender o desenvolvimento da Ginástica Artística Masculina Brasileira e sua inserção entre as principais modalidades olímpicas do país. Registrar essa trajetória significa reconhecer o trabalho de atletas, treinadores, dirigentes e instituições que, ao longo de décadas, contribuíram para transformar uma modalidade marcada por limitações estruturais em referência internacional.

Entre os Jogos Olímpicos de Londres 2012 e Paris 2024, a ginástica masculina brasileira alcançou o período mais exitoso de sua história. A conquista da primeira medalha de ouro olímpica, a presença constante em finais e a consolidação de atletas entre os melhores do mundo demonstram a maturidade alcançada pela modalidade. Esses resultados refletem um processo contínuo de planejamento, aperfeiçoamento técnico e fortalecimento institucional desenvolvido pela Confederação Brasileira de Ginástica, pelos clubes formadores e pelo Comitê Olímpico do Brasil.

Este livro analisa esse ciclo histórico, preservando não apenas os resultados esportivos, mas também os contextos que possibilitaram sua construção. Ao reunir informações fundamentadas em documentos oficiais e literatura especializada, pretende contribuir para a preservação da memória da Ginástica Artística Masculina Brasileira e servir como referência para pesquisadores, professores, estudantes, treinadores e todos os interessados na história do esporte nacional.

APRESENTAÇÃO

A história da Ginástica Artística Masculina Brasileira nos Jogos Olímpicos é marcada por um processo contínuo de construção, amadurecimento e consolidação esportiva. Se as primeiras participações olímpicas, analisadas nos volumes anteriores desta obra, evidenciaram o esforço de atletas e treinadores para manter o Brasil presente no cenário internacional, o período compreendido entre os Jogos Olímpicos de Londres 2012 e Paris 2024 representa a fase em que esse trabalho alcançou sua plena maturidade, projetando definitivamente a ginástica brasileira entre as principais referências mundiais da modalidade.

O primeiro e segundo volumes, dedicado ao período de 1980 a 2008, demonstrou que o desenvolvimento da Ginástica Artística Masculina Brasileira não ocorreu de forma imediata nem linear. Ao contrário, foi construída ao longo de décadas por meio do empenho de atletas pioneiros, treinadores visionários, dirigentes comprometidos e instituições que, mesmo diante de inúmeras limitações estruturais e financeiras, mantiveram viva a modalidade no país. A permanência do Brasil nos Jogos Olímpicos durante esse período constituiu o alicerce sobre o qual se edificaram as grandes conquistas do século XXI.

O presente livro dá continuidade a essa trajetória histórica, analisando o ciclo compreendido entre Londres 2012 e Paris 2024. Trata-se do período mais exitoso da Ginástica Artística Masculina Brasileira, caracterizado pela conquista das primeiras medalhas olímpicas da modalidade, pela presença constante em finais olímpicas, pelo reconhecimento internacional de seus atletas e pela consolidação de um modelo de preparação baseado na integração entre conhecimento científico, excelência técnica e planejamento de longo prazo.

Durante esses quatro ciclos olímpicos, o Brasil deixou de ser considerado uma nação emergente para ocupar posição de destaque entre as principais escolas da Ginástica Artística Mundial. Atletas como Arthur Zanetti, Diego Hypólito, Arthur Nory Mariano, Sérgio Sasaki, Francisco Barreto, Caio Souza e Diogo Soares tornaram-se protagonistas em competições internacionais, conquistando resultados inéditos e inspirando uma nova geração de ginastas brasileiros.

Ao mesmo tempo, este livro procura ampliar o olhar sobre o fenômeno esportivo, reconhecendo que as conquistas olímpicas são resultado de um trabalho coletivo desenvolvido por treinadores, preparadores físicos, fisioterapeutas, médicos, psicólogos, árbitros, dirigentes esportivos e instituições que contribuíram para o fortalecimento da modalidade. A Ginástica Artística Masculina Brasileira tem que ser compreendida pelo conjunto de transformações técnicas, científicas, pedagógicas e administrativas que permitiram ao país alcançar elevados padrões de desempenho.

Esta obra pretende, portanto, preservar a memória desse período singular da história do esporte brasileiro, registrando não apenas resultados e classificações, mas também os contextos históricos, os desafios enfrentados e os legados construídos por aqueles que contribuíram para transformar a Ginástica Artística Masculina Brasileira em referência internacional.

Mais do que um relato cronológico, este livro constitui uma homenagem aos atletas que representaram o Brasil nos Jogos Olímpicos entre 2012 e 2024 e um reconhecimento àqueles que dedicaram suas vidas à construção de uma modalidade que hoje ocupa lugar de destaque no cenário esportivo mundial.

SUMÁRIO

Prefácio.....	04
Apresentação.....	05
Introdução.....	08
Capítulo 1 – Os Jogos Olímpicos de Londres 2012.....	10
Capítulo 2 – Os Jogos Olímpicos de Rio 2016.....	17
Capítulo 3 – Os Jogos Olímpicos de Tóquio 2020.....	22
Capítulo 4 – Os Jogos Olímpicos de Paris 2024.....	27
Considerações finais.....	31
Referências.....	35

INTRODUÇÃO

A história da Ginástica Artística Masculina Brasileira nos Jogos Olímpicos é marcada por um processo contínuo de construção, amadurecimento e consolidação esportiva. Se as primeiras participações olímpicas, analisadas nos volumes anteriores desta obra, evidenciaram o esforço de atletas e treinadores para manter o Brasil presente no cenário internacional, o período compreendido entre os Jogos Olímpicos de Londres 2012 e Paris 2024 representa a fase em que esse trabalho alcançou sua plena maturidade, projetando definitivamente a ginástica brasileira entre as principais referências mundiais da modalidade.

O primeiro e segundo volumes, dedicado ao período de 1980 a 2008, demonstrou que o desenvolvimento da Ginástica Artística Masculina Brasileira não ocorreu de forma imediata nem linear. Ao contrário, foi construída ao longo de décadas por meio do empenho de atletas pioneiros, treinadores visionários, dirigentes comprometidos e instituições que, mesmo diante de inúmeras limitações estruturais e financeiras, mantiveram viva a modalidade no país. A permanência do Brasil nos Jogos Olímpicos durante esse período constituiu o alicerce sobre o qual se edificaram as grandes conquistas do século XXI.

O presente livro dá continuidade a essa trajetória histórica, analisando o ciclo compreendido entre Londres 2012 e Paris 2024. Trata-se do período mais exitoso da Ginástica Artística Masculina Brasileira, caracterizado pela conquista das primeiras medalhas olímpicas da modalidade, pela presença constante em finais olímpicas, pelo reconhecimento internacional de seus atletas e pela consolidação de um modelo de preparação baseado na integração entre conhecimento científico, excelência técnica e planejamento de longo prazo.

Durante esses quatro ciclos olímpicos, o Brasil deixou de ser considerado uma nação emergente para ocupar posição de destaque entre as principais escolas da Ginástica Artística Mundial. Atletas como Arthur Zanetti, Diego Hypólito, Arthur Nory Mariano, Sérgio Sasaki, Francisco Barreto, Caio Souza e Diogo Soares tornaram-se protagonistas em competições internacionais, conquistando resultados inéditos e inspirando uma nova geração de ginastas brasileiros (CBG, 2024).

Ao mesmo tempo, este livro procura ampliar o olhar sobre o fenômeno esportivo, reconhecendo que as conquistas olímpicas são resultado de um trabalho coletivo desenvolvido por treinadores, preparadores físicos, fisioterapeutas, médicos, psicólogos,

árbitros, dirigentes esportivos e instituições que contribuíram para o fortalecimento da modalidade. A Ginástica Artística Masculina Brasileira tem que ser compreendida pelo conjunto de transformações técnicas, científicas, pedagógicas e administrativas que permitiram ao país alcançar elevados padrões de desempenho.

Esta obra pretende, portanto, preservar a memória desse período singular da história do esporte brasileiro, registrando não apenas resultados e classificações, mas também os contextos históricos, os desafios enfrentados e os legados construídos por aqueles que contribuíram para transformar a Ginástica Artística Masculina Brasileira em referência internacional.

Mais do que um relato cronológico, este livro constitui uma homenagem aos atletas que representaram o Brasil nos Jogos Olímpicos entre 2012 e 2024 e um reconhecimento àqueles que dedicaram suas vidas à construção de uma modalidade que hoje ocupa lugar de destaque no cenário esportivo mundial.

CAPÍTULO 1



CAPÍTULO 1

Londres 2012: a primeira medalha olímpica da GAM Brasileira

1.1 Londres e os Jogos da XXX Olimpíada

Os Jogos da XXX Olimpíada foram realizados entre 27 de julho e 12 de agosto de 2012 e marcaram a terceira vez que Londres sediou uma edição dos Jogos Olímpicos, tornando-se a primeira cidade a alcançar esse feito. O evento reuniu aproximadamente 10.500 atletas de 204 Comitês Olímpicos Nacionais, distribuídos em 302 provas de 26 modalidades esportivas, reafirmando os princípios do Movimento Olímpico e consolidando avanços relacionados à participação feminina e ao legado urbano (COI, 2024).

A escolha de Londres foi oficializada em 2005, após superar candidaturas de Paris, Madri, Moscou e Nova York. A proposta britânica associava a realização dos Jogos à revitalização da região de Stratford, transformada em um moderno complexo esportivo e urbano. Entre as principais instalações destacaram-se o Parque Olímpico e a *North Greenwich Arena*, sede das competições de Ginástica Artística (COI, 2023).

Para a ginástica brasileira, Londres representava muito mais que uma nova participação olímpica. O ciclo entre Pequim 2008 e Londres 2012 foi marcado pelo fortalecimento da preparação científica, pela participação frequente em Campeonatos Mundiais e Copas do Mundo e pela consolidação de atletas capazes de competir em igualdade de condições com as principais potências da modalidade. Esse cenário criava expectativas inéditas para a delegação brasileira, que chegava aos Jogos com possibilidades reais de disputar finais e medalhas (CBG, 2024).

1.2 A participação da Ginástica Artística Masculina Brasileira

A participação brasileira nos Jogos Olímpicos de Londres 2012 representou o amadurecimento de um projeto esportivo iniciado nas décadas anteriores. Após os resultados obtidos em Atenas (2004) e Pequim (2008), a seleção masculina chegou à capital inglesa mais experiente e competitiva, reunindo atletas que vinham obtendo resultados expressivos em Campeonatos Mundiais e etapas da Copa do Mundo promovidas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). Esse cenário alimentava expectativas inéditas em relação à possibilidade de conquista de uma medalha olímpica.

A delegação brasileira foi composta por Arthur Zanetti, Diego Hypólito, Sérgio Sasaki, Mosiah Rodrigues e Petrix Barbosa, sob a coordenação técnica de Marcos Goto, um dos principais responsáveis pela consolidação da Ginástica Artística brasileira no cenário internacional. A preparação da equipe foi marcada por planejamento de longo prazo, participação frequente em competições internacionais e integração entre treinamento técnico, preparação física, acompanhamento fisioterapêutico e suporte psicológico (CBG,2024).

Ao contrário das primeiras participações olímpicas brasileiras, quando o objetivo principal era adquirir experiência internacional, em Londres a equipe apresentou condições técnicas para disputar finais e posições de destaque. Essa evolução refletia os investimentos realizados pela Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB), pelos clubes formadores e pelas universidades, que passaram a incorporar conhecimentos científicos ao treinamento esportivo.

1.3 Os principais atletas

Arthur Zanetti



Arthur Nabarrete Zanetti chegou aos Jogos Olímpicos como um dos principais especialistas mundiais nas argolas. Desde sua participação nos Campeonatos Mundiais anteriores, vinha apresentando séries caracterizadas por elevado grau de dificuldade, excelente estabilidade nas posições de força e execuções tecnicamente precisas.

Sua preparação para Londres foi cuidadosamente planejada, priorizando a manutenção da força específica, o aperfeiçoamento técnico e o controle emocional para competições de alto rendimento. Essa combinação permitiu que chegasse aos Jogos como um dos favoritos à disputa por medalhas.

Na final das argolas, Arthur Zanetti realizou uma apresentação praticamente impecável, alcançando 15,900 pontos e conquistando a primeira medalha de ouro olímpica

da história da Ginástica Artística Brasileira, superando o chinês Chen Yibing, então campeão olímpico e mundial da prova (CBG, 2024).

Essa conquista representou um marco histórico não apenas para a ginástica, mas para o esporte brasileiro, demonstrando que o país havia alcançado o mais alto nível técnico em uma modalidade tradicionalmente dominada por europeus e asiáticos.

Diego Hypólito



Diego Matias Hypólito chegou aos Jogos de Londres como um dos ginastas mais vitoriosos da história brasileira. Bicampeão mundial do solo e medalhista em diversas competições internacionais, carregava a experiência acumulada em três ciclos olímpicos.

Em Londres, apresentou bom desempenho nas classificatórias e permaneceu entre os principais especialistas do solo. Embora não tenha conquistado medalha, sua participação reafirmou sua importância para a consolidação da ginástica brasileira e para a formação das gerações seguintes.

Além dos resultados competitivos, Diego exerceu papel de liderança dentro da equipe, contribuindo para a estabilidade emocional dos atletas mais jovens e fortalecendo o ambiente coletivo durante toda a competição.

Sérgio Sasaki



Sérgio Sasaki destacou-se como um dos ginastas mais completos da delegação brasileira. Especialista nas seis provas, demonstrava elevado nível técnico em todos os aparelhos, característica pouco comum entre os ginastas brasileiros da época.

Sua participação em Londres confirmou o crescimento na formação nacional, evidenciando que o Brasil começava a desenvolver atletas capazes de competir em igualdade de condições também nas provas combinadas, tradicionalmente dominadas por países europeus e asiáticos.

Mosiah Rodrigues



Mosiah Rodrigues integrou a equipe brasileira contribuindo para a classificação coletiva e para a consolidação do grupo nacional entre as principais seleções do mundo. Sua participação refletia o fortalecimento do processo de renovação da Ginástica Artística masculina brasileira, iniciado ainda na década de 2000.

Petrix Barbosa



Petrix Barbosa completou a equipe olímpica, participando das provas por equipes e reforçando a consistência técnica da seleção brasileira. Sua presença demonstrava a ampliação da base de atletas de alto rendimento formada pelos clubes e centros de treinamento brasileiros.

1.4 O trabalho da comissão técnica

Os resultados obtidos em Londres não podem ser compreendidos apenas pelo desempenho individual dos atletas. A comissão técnica desempenhou papel decisivo na consolidação da Ginástica Artística brasileira, desenvolvendo um modelo de preparação fundamentado no planejamento sistemático do treinamento, na avaliação biomecânica dos movimentos e na integração entre diferentes áreas do conhecimento.

Sob a liderança de Marcos Goto, a equipe incorporou metodologias modernas de treinamento, controle das cargas, prevenção de lesões e acompanhamento psicológico, aproximando-se das principais potências mundiais da modalidade.

Outro aspecto relevante foi a participação de profissionais especializados em fisioterapia, medicina esportiva, preparação física e análise técnica, demonstrando que o sucesso esportivo resulta da atuação integrada de uma equipe multidisciplinar (CBG,2024).

Esse modelo de organização passou a servir como referência para os ciclos olímpicos seguintes, contribuindo diretamente para os resultados alcançados no Rio de Janeiro (2016), Tóquio (2020) e Paris (2024).

1.5 A conquista histórica

A medalha de ouro conquistada por Arthur Zanetti ultrapassou o significado de uma vitória individual. Representou o reconhecimento internacional da evolução da Ginástica Artística Masculina Brasileira e simbolizou décadas de investimentos na formação de atletas, treinadores e estruturas de treinamento.

Além do impacto esportivo, a conquista ampliou a visibilidade da modalidade no Brasil, estimulando novos projetos de iniciação esportiva, aumentando o interesse da mídia e fortalecendo o apoio institucional à ginástica.

Londres 2012 consolidou uma mudança de paradigma. Pela primeira vez, o Brasil deixava de participar dos Jogos Olímpicos apenas como país em desenvolvimento na modalidade para integrar definitivamente o grupo das principais potências da Ginástica Artística Masculina.

1.6 Arthur Zanetti: a conquista do primeiro ouro olímpico

Arthur Zanetti chegou aos Jogos Olímpicos de Londres como um dos principais especialistas mundiais nas argolas, após resultados expressivos em Campeonatos Mundiais, Copas do Mundo e Jogos Pan-Americanos. Sua evolução foi resultado de um trabalho desenvolvido ao longo de vários anos no centro de treinamento de São Caetano do Sul, sob a orientação de Marcos Goto, combinando aperfeiçoamento técnico, preparação física específica e acompanhamento multidisciplinar.

Nas classificatórias, confirmou o favoritismo ao executar uma série segura e de elevado grau de dificuldade, garantindo vaga para a final. Na decisão, enfrentou alguns dos

maiores especialistas da modalidade, entre eles o chinês Chen Yibing, então campeão olímpico e múltiplo campeão mundial. A disputa foi decidida por pequena diferença de pontuação, evidenciando o elevado nível técnico da competição.

Com 15,900 pontos, Arthur Zanetti conquistou a medalha de ouro nas argolas, tornando-se o primeiro campeão olímpico da história da Ginástica Artística Brasileira. A vitória rompeu a hegemonia tradicional de países como China, Japão e Rússia e representou um marco para o esporte nacional. Mais do que uma conquista individual, simbolizou o amadurecimento da ginástica brasileira e a consolidação de um projeto iniciado décadas antes.

1.7 Diego Hypólito e Sérgio Sasaki

Diego Hypólito chegou a Londres como bicampeão mundial do solo e um dos principais candidatos ao pódio. Entretanto, durante a fase classificatória sofreu uma queda em sua apresentação, não conseguindo avançar para a final. Apesar da frustração, sua trajetória internacional já havia desempenhado papel decisivo na valorização da ginástica brasileira, demonstrando que atletas do país poderiam competir entre os melhores do mundo.

Sérgio Sasaki destacou-se como representante brasileiro no concurso individual geral. Sua versatilidade técnica permitiu competir com regularidade nos seis aparelhos, característica pouco comum na ginástica contemporânea. A classificação para a final confirmou o nível técnico da modalidade no Brasil e evidenciou que o país começava a formar atletas completos, preparados para enfrentar as principais escolas internacionais da Ginástica Artística.

1.8 O legado de Londres 2012

Os Jogos Olímpicos de Londres marcaram uma mudança definitiva na história da Ginástica Artística Masculina Brasileira. Pela primeira vez, o Brasil deixou de participar da competição apenas como uma nação em desenvolvimento e passou a integrar o grupo de países capazes de disputar medalhas e finais olímpicas de forma consistente.

A medalha de ouro conquistada por Arthur Zanetti ampliou significativamente a visibilidade da modalidade, estimulando novos investimentos em infraestrutura, formação de treinadores e desenvolvimento científico aplicado ao treinamento esportivo. Também

despertou maior interesse de crianças e jovens pela prática da ginástica, fortalecendo programas de iniciação esportiva em diferentes regiões do país.

Sob a perspectiva histórica, Londres 2012 representa o ponto de inflexão da Ginástica Artística masculina nacional. As conquistas obtidas naquele ciclo demonstraram que o desenvolvimento observado desde a década de 1980 havia alcançado maturidade suficiente para transformar o Brasil em uma das principais potências da modalidade nas Américas e em um competidor respeitado no cenário mundial.

Os resultados alcançados em Londres criaram um ambiente de grandes expectativas para o ciclo olímpico seguinte. Pela primeira vez, o Brasil teria a oportunidade de sediar os Jogos Olímpicos contando com uma equipe reconhecida internacionalmente e liderada por um campeão olímpico. A responsabilidade de competir diante da torcida brasileira seria acompanhada pelo desafio de confirmar o protagonismo conquistado em 2012 e consolidar definitivamente a posição da Ginástica Artística Masculina Brasileira entre as principais escolas da modalidade.

CAPÍTULO 2



CAPÍTULO 2

Rio de Janeiro 2016: a consolidação da Ginástica Artística Masculina Brasileira

2.1 Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro

Os Jogos da XXXI Olimpíada foram realizados entre 5 e 21 de agosto de 2016, tornando-se a primeira edição dos Jogos Olímpicos sediada na América do Sul. A escolha do Rio de Janeiro representou um marco para o esporte brasileiro, proporcionando ao país a oportunidade de organizar o maior evento esportivo do mundo e apresentar sua capacidade de planejamento, infraestrutura e organização.

O evento reuniu aproximadamente 11 mil atletas, representando 206 Comitês Olímpicos Nacionais, que disputaram 306 provas em 28 modalidades esportivas. Além do legado urbano e esportivo, os Jogos impulsionaram investimentos em instalações esportivas, centros de treinamento e programas de desenvolvimento de atletas (COI, 2024).

Para a Ginástica Artística Brasileira, a realização dos Jogos em casa representava um desafio adicional. Pela primeira vez, a seleção masculina chegava a uma Olimpíada como uma das favoritas à conquista de medalhas, consequência direta dos resultados obtidos em Londres 2012 e da evolução técnica apresentada ao longo do ciclo olímpico.

2.2 O ciclo olímpico 2013–2016

Após a histórica conquista de Arthur Zanetti em Londres, a Confederação Brasileira de Ginástica intensificou o planejamento para os Jogos do Rio de Janeiro. O ciclo foi caracterizado pela continuidade do trabalho técnico desenvolvido nos principais clubes do país, pelo fortalecimento da preparação científica e pela ampliação da participação brasileira em competições internacionais.

A manutenção da comissão técnica, aliada à experiência adquirida pelos atletas em Campeonatos Mundiais e etapas da Copa do Mundo, contribuiu para elevar o nível competitivo da equipe. Além disso, a realização dos Jogos em território nacional possibilitou um período de adaptação às instalações olímpicas e ampliou o apoio institucional ao treinamento de alto rendimento (CBG, 2024).

Esse processo consolidou uma geração de atletas que já figurava entre as principais referências da ginástica internacional, permitindo que o Brasil chegasse aos Jogos do Rio com expectativas reais de disputar finais e medalhas em diferentes aparelhos.

2.3 A equipe brasileira

A seleção masculina brasileira contou com atletas experientes e reconhecidos internacionalmente, destacando-se Arthur Zanetti, Diego Hypólito, Sérgio Sasaki, Francisco Barreto e Arthur Nory, sob a coordenação técnica de Marcos Goto (CBG, 2024).



A combinação entre atletas experientes e novos talentos proporcionou maior equilíbrio à equipe. Enquanto Zanetti e Diego Hypólito acumulavam participações em competições internacionais de alto nível, Arthur Nory e Francisco Barreto representavam a renovação da modalidade, evidenciando a ampliação da base de formação da Ginástica Artística brasileira.

A preparação para os Jogos envolveu treinamento técnico específico para cada aparelho, acompanhamento fisiológico, prevenção de lesões e suporte psicológico, fatores considerados fundamentais para enfrentar a pressão de competir diante da torcida brasileira.

2.4 Arthur Zanetti: confirmação entre os melhores do mundo

Após conquistar o ouro em Londres, Arthur Zanetti chegou aos Jogos do Rio como um dos principais favoritos nas argolas. Durante todo o ciclo olímpico manteve elevado desempenho internacional, conquistando medalhas em Campeonatos Mundiais e etapas da Copa do Mundo.

Na final olímpica, apresentou novamente uma série de alto nível técnico e conquistou a medalha de prata, tornando-se o primeiro ginasta brasileiro a conquistar duas medalhas olímpicas em edições consecutivas. O resultado confirmou sua permanência

entre os maiores especialistas mundiais das argolas e consolidou sua posição como um dos principais nomes da história da Ginástica Artística brasileira.

2.5 Arthur Nory e a medalha inédita no solo



Outro momento histórico ocorreu com Arthur Nory Mariano, que conquistou a medalha de bronze no solo. A apresentação destacou-se pela elevada dificuldade técnica, criatividade coreográfica e excelente execução, garantindo ao Brasil sua primeira medalha olímpica nessa prova.

A conquista teve grande repercussão nacional por demonstrar que a ginástica brasileira havia ampliado sua competitividade para além das argolas, tradicional especialidade de Arthur Zanetti. O bronze de Nory evidenciou a diversificação técnica da equipe e confirmou a evolução do trabalho realizado durante os anos anteriores.

2.6 Diego Hypólito: superação e conquista olímpica

Um dos momentos mais emocionantes dos Jogos foi protagonizado por Diego Hypólito. Após enfrentar lesões, dificuldades físicas e a frustração vivida em Londres, o ginasta conquistou a medalha de prata no solo, coroando uma trajetória marcada pela perseverança e dedicação.

Sua apresentação combinou elevada qualidade técnica, segurança e maturidade competitiva, sendo amplamente reconhecida como um dos grandes momentos da Ginástica Artística brasileira. A medalha representou não apenas uma conquista esportiva, mas também o reconhecimento de uma carreira construída ao longo de mais de uma década entre os melhores ginastas do mundo.

2.7 O legado do Rio 2016

Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro consolidaram definitivamente a Ginástica Artística Masculina Brasileira entre as principais potências internacionais. As medalhas

conquistadas por Arthur Zanetti, Diego Hypólito e Arthur Nory demonstraram que o resultado obtido em Londres não havia sido um feito isolado, mas consequência de um processo contínuo de desenvolvimento técnico, científico e institucional.

Além dos resultados esportivos, o ciclo olímpico fortaleceu a formação de novos atletas, ampliou a visibilidade da modalidade e estimulou investimentos em centros de treinamento e programas de iniciação esportiva. A realização dos Jogos em território nacional também aproximou o público brasileiro da Ginástica Artística, contribuindo para sua popularização.

Ao término do ciclo, o Brasil apresentava uma geração consolidada internacionalmente e iniciava o processo de renovação que daria continuidade ao desenvolvimento da modalidade nos anos seguintes.

Encerrados os Jogos do Rio de Janeiro, a Ginástica Artística brasileira enfrentou um novo desafio: manter o elevado nível competitivo diante das mudanças provocadas pelo novo ciclo olímpico. A preparação para Tóquio 2020, posteriormente adiada para 2021 em razão da pandemia de COVID-19, exigiria adaptações inéditas, tanto na organização dos treinamentos quanto na gestão física e emocional dos atletas. Apesar das dificuldades impostas pelo cenário mundial, o Brasil chegaria novamente entre os protagonistas da modalidade (CBG, 2024).

CAPÍTULO 3



CAPÍTULO 3

Tóquio 2020 (2021): a continuidade de uma trajetória de excelência

3.1 Os Jogos Olímpicos realizados durante a pandemia

Os Jogos da XXXII Olimpíada constituíram um dos acontecimentos mais singulares da história do Movimento Olímpico. Inicialmente previstos para 2020, foram adiados para o período de 23 de julho a 8 de agosto de 2021 em decorrência da pandemia da COVID-19, tornando-se a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna a ser postergada por motivos sanitários.

A pandemia provocou profundas alterações no esporte de alto rendimento. Durante vários meses, centros de treinamento permaneceram fechados, competições internacionais foram canceladas e atletas precisaram adaptar suas rotinas de preparação. A Ginástica Artística foi particularmente afetada, pois depende da utilização diária de aparelhos específicos e de treinamento altamente especializado (COI, 2024).

Mesmo diante dessas dificuldades, a realização dos Jogos representou uma demonstração da capacidade de adaptação do Movimento Olímpico. A competição ocorreu sob rígidos protocolos sanitários e sem a presença de público, alterando significativamente o ambiente competitivo. O silêncio das arenas e as restrições impostas às delegações criaram uma atmosfera inédita, exigindo elevado equilíbrio emocional por parte dos atletas.

3.2 O ciclo olímpico 2017–2021

Após os excelentes resultados obtidos em Londres 2012 e Rio de Janeiro 2016, a Ginástica Artística Masculina Brasileira iniciou um novo ciclo marcado por dois grandes desafios: manter o elevado nível competitivo alcançado internacionalmente e promover a renovação gradual da equipe.

Ao mesmo tempo em que Arthur Zanetti, Arthur Nory e Francisco Barreto permaneciam como referências técnicas da seleção, uma nova geração começava a assumir

maior protagonismo, representada principalmente por Caio Souza e Diogo Soares. Esses atletas apresentavam características importantes para a ginástica contemporânea, destacando-se pela capacidade de competir em alto nível no concurso individual geral, ampliando as possibilidades estratégicas da equipe brasileira (CBG, 2024).



Caio Souza e Diogo Soares

Outro aspecto marcante desse período foi a consolidação da preparação científica. Recursos de biomecânica, fisiologia, análise de desempenho, medicina esportiva, fisioterapia, psicologia e controle das cargas de treinamento passaram a integrar definitivamente o cotidiano da seleção nacional, aproximando o modelo brasileiro daqueles utilizados pelas principais potências mundiais.

Apesar das limitações impostas pela pandemia, a Confederação Brasileira de Ginástica conseguiu manter programas de acompanhamento técnico e físico, utilizando tecnologias de monitoramento remoto e reorganizando o planejamento para minimizar os impactos da interrupção das atividades presenciais.

3.3 A equipe brasileira em Tóquio

A delegação brasileira foi formada por atletas experientes e jovens talentos, refletindo um processo de transição cuidadosamente planejado. Arthur Zanetti e Arthur Nory representavam a geração responsável pelas primeiras medalhas olímpicas da modalidade, enquanto Caio Souza, Diogo Soares e Francisco Barreto simbolizavam a continuidade do projeto esportivo brasileiro.

A expectativa era elevada. Zanetti buscava conquistar sua terceira medalha olímpica consecutiva nas argolas; Nory pretendia confirmar sua evolução técnica após os resultados obtidos no ciclo anterior; e a nova geração chegava à Olimpíada com a missão de ampliar a competitividade brasileira diante de um cenário internacional cada vez mais exigente.

Entretanto, a lesão de Caio Souza às vésperas da definição da equipe reduziu parte das possibilidades estratégicas da seleção, especialmente nas provas do individual geral. Ainda assim, os atletas convocados demonstraram elevado nível técnico e capacidade de adaptação durante toda a competição.

3.4 O desempenho brasileiro

Os Jogos de Tóquio apresentaram um dos níveis técnicos mais elevados da história da Ginástica Artística. O constante aperfeiçoamento do Código de Pontuação da Federação Internacional de Ginástica passou a exigir séries cada vez mais difíceis, mantendo, simultaneamente, elevado padrão de execução.

Nesse cenário altamente competitivo, o Brasil não repetiu as medalhas conquistadas em Londres e no Rio de Janeiro. Contudo, o desempenho da equipe confirmou que a modalidade permanecia competitiva em nível internacional. A presença de atletas brasileiros entre os melhores do mundo e a qualidade das apresentações evidenciaram a consistência do trabalho desenvolvido ao longo dos ciclos anteriores.

Mais do que os resultados individuais, Tóquio demonstrou que a ginástica brasileira havia desenvolvido uma estrutura capaz de manter desempenho elevado mesmo diante de circunstâncias excepcionais, como o adiamento dos Jogos e as restrições impostas pela pandemia.

3.5 A renovação da equipe nacional

Um dos aspectos mais importantes da campanha brasileira foi a consolidação do processo de renovação iniciado após os Jogos do Rio de Janeiro.

Diogo Soares destacou-se como um dos principais representantes dessa nova geração. Sua participação olímpica simbolizou a continuidade do desenvolvimento da modalidade e demonstrou que o país permanecia capaz de formar atletas competitivos para o cenário internacional. Ao lado de outros jovens ginastas, passou a representar o futuro da Ginástica Artística Masculina Brasileira, assumindo gradativamente responsabilidades anteriormente concentradas na geração liderada por Arthur Zanetti.

Esse processo evidencia uma importante transformação estrutural da modalidade. O Brasil deixou de depender exclusivamente de especialistas em aparelhos específicos e passou a desenvolver atletas completos, preparados para competir no individual geral, característica cada vez mais valorizada na ginástica contemporânea.

3.6 O legado de Tóquio

Embora o Brasil não tenha conquistado medalhas olímpicas em Tóquio, a campanha não deve ser interpretada como um retrocesso. Ao contrário, confirmou a maturidade alcançada pela Ginástica Artística Masculina Brasileira e demonstrou a capacidade da modalidade de enfrentar circunstâncias excepcionais sem comprometer seu desenvolvimento esportivo.

Entre os principais legados desse ciclo destacam-se a consolidação do modelo multidisciplinar de preparação, a incorporação definitiva de tecnologias de monitoramento do treinamento, o fortalecimento da cultura de planejamento de longo prazo e a renovação gradual da equipe nacional.

Sob uma perspectiva histórica, os Jogos de Tóquio encerraram simbolicamente um dos períodos mais vitoriosos da Ginástica Artística brasileira e, ao mesmo tempo, inauguraram uma nova etapa, caracterizada pela integração entre atletas experientes e jovens talentos. Essa continuidade assegurou que o Brasil permanecesse entre as principais referências da modalidade nas Américas e competitivo diante das maiores potências mundiais.

Concluído o ciclo olímpico de Tóquio, a Confederação Brasileira de Ginástica iniciou imediatamente o planejamento para Paris 2024. A retomada do calendário internacional, a consolidação da nova geração e a manutenção do trabalho multidisciplinar criaram condições favoráveis para um novo ciclo de desenvolvimento. O desafio deixava de ser apenas conquistar medalhas e passava a consistir em manter o Brasil entre as principais potências da Ginástica Artística masculina, assegurando a continuidade de um projeto esportivo construído ao longo de mais de quatro décadas (CBG, 2024).

CAPÍTULO 4



PARIS 2024



CAPÍTULO 4

Paris 2024: a consolidação da excelência da Ginástica Artística Masculina Brasileira

4.1 Os Jogos Olímpicos de Paris

Os Jogos da XXXIII Olimpíada foram realizados entre 26 de julho e 11 de agosto de 2024, marcando o retorno do maior evento esportivo do mundo à capital francesa após um intervalo de cem anos. Paris tornou-se a segunda cidade, ao lado de Londres, a sediar três edições dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, reafirmando sua importância histórica para o Movimento Olímpico.

A edição de 2024 destacou-se pelo compromisso com a sustentabilidade, pela utilização de instalações já existentes e pela valorização do patrimônio histórico da cidade. Diferentemente de edições anteriores, diversas competições foram realizadas em locais emblemáticos, aproximando o esporte da população e reforçando a proposta de integração entre cultura e olimpismo (COI, 2024).

Para a Ginástica Artística Brasileira, Paris representava a continuidade de um processo iniciado décadas antes. Após as conquistas obtidas em Londres e Rio de Janeiro e a experiência acumulada em Tóquio, o Brasil chegava ao novo ciclo com uma equipe renovada, tecnicamente qualificada e preparada para disputar posições de destaque entre as principais seleções do mundo.

4.2 Um novo ciclo olímpico

O período compreendido entre Tóquio e Paris caracterizou-se por importantes transformações na seleção brasileira. A aposentadoria de alguns atletas experientes foi acompanhada pela consolidação de novos ginastas formados em centros de treinamento que passaram a adotar metodologias cada vez mais próximas dos modelos utilizados pelas principais potências mundiais.

O trabalho desenvolvido pela Confederação Brasileira de Ginástica manteve como prioridade o planejamento de longo prazo, a preparação multidisciplinar e a participação constante em Campeonatos Mundiais, Copas do Mundo e competições continentais. Essa continuidade permitiu preservar o elevado padrão técnico alcançado nos ciclos anteriores (CBG, 2024).

4.3 A equipe brasileira

A seleção masculina chegou a Paris reunindo atletas experientes e representantes da nova geração, refletindo a continuidade do processo de renovação iniciado após os Jogos do Rio de Janeiro.

Na competição masculina, o Brasil ficou a menos de dois décimos de conseguir uma vaga por equipes nos Jogos Olímpicos de Paris. Assim, o país terá apenas dois representantes na Ginástica Artística masculina na capital francesa. Diogo Soares se classificou pelo individual geral do Mundial de 2023.

Já a segunda vaga brasileira veio através do 13º lugar da equipe na competição. A CBG convocou Arthur Nory, campeão mundial da barra fixa em 2019 para ocupar a vaga. Ele foi o único ginasta brasileiro do masculino a ganhar uma medalha mundial neste ciclo olímpico, com o bronze na barra em 2022. Caio Souza, que não competiu no Troféu Brasil por conta de lesão (CBG, 2024).



Arthur Nory, Diogo Soares

Entre os principais nomes destacaram-se Arthur Nory, Diogo Soares, obtendo resultados expressivos em competições internacionais. A equipe apresentava maior equilíbrio técnico entre os aparelhos, demonstrando a amadurecimento da formação brasileira na prova individual geral e reduzindo a dependência de especialistas em apenas uma prova.

Esse desenvolvimento refletia a maturidade do sistema nacional de formação de atletas, resultado da atuação conjunta dos clubes, federações estaduais, Confederação Brasileira de Ginástica e Comitê Olímpico do Brasil.

4.4 O desempenho brasileiro

As competições de Ginástica Artística em Paris confirmaram o elevado nível técnico alcançado pela modalidade em escala mundial. O constante aperfeiçoamento do Código de Pontuação da Federação Internacional de Ginástica exigiu séries de elevada dificuldade, executadas com precisão técnica cada vez maior.

Mesmo diante desse cenário altamente competitivo, os ginastas brasileiros apresentaram desempenho consistente, alcançando classificações importantes e reafirmando a presença do país entre as principais seleções internacionais.

Arthur Nory se apresentou apenas na barra fixa e conquistou 12.900. O brasileiro teve um problema após a execução de um elemento ainda no início de sua série, o que comprometeu sua nota. Como apenas os oito melhores colocados da classificação geral avançam para a final, Nory não teve mais chances de se classificar. O brasileiro terminou os JO em décimo lugar.

Já o atleta Diogo Soares, participou dos Jogos Olímpicos de Paris 2024, onde alcançou a 23ª colocação no individual geral. Ele se destacou por executar séries mais difíceis e por seu amadurecimento na ginástica artística, buscando aperfeiçoar suas performances. Apesar de um desempenho abaixo do esperado, Diogo Soares continua a sonhar com um pódio e a busca por medalhas olímpicas (CBG, 2024).

Mais do que a obtenção de resultados individuais, a participação brasileira evidenciou a continuidade e demonstrando que a ginástica nacional havia alcançado estabilidade competitiva no cenário olímpico.

4.5 O legado de Paris

Os Jogos Olímpicos de Paris encerram um dos períodos mais importantes da história da Ginástica Artística Masculina Brasileira. Entre Londres 2012 e Paris 2024, o Brasil

conquistou resultados inéditos, formou atletas reconhecidos internacionalmente e consolidou um modelo de preparação de longo prazo.

Nesse intervalo, a modalidade deixou de buscar apenas participação em finais olímpicas para disputar medalhas de forma recorrente, consolidando-se como uma das principais potências das Américas e referência internacional em diversos aparelhos.

Outro legado significativo foi a ampliação da visibilidade da ginástica artística no Brasil. As conquistas olímpicas contribuíram para estimular novos praticantes, fortalecer programas de formação esportiva e ampliar o reconhecimento social da modalidade, incentivando investimentos públicos e privados.

Embora este livro tenha como foco principal a trajetória da Ginástica Artística Masculina brasileira, é impossível deixar de registrar um dos momentos mais marcantes da história recente da ginástica nacional: o extraordinário desempenho de Rebeca Andrade, maior nome da Ginástica Artística Feminina do Brasil e uma das maiores atletas da história do esporte brasileiro.

Nos Jogos Olímpicos de Paris 2024, Rebeca Andrade consolidou definitivamente seu lugar entre as maiores ginastas de todos os tempos ao conquistar quatro medalhas olímpicas em uma única edição dos Jogos: ouro no solo, duas pratas (individual geral e salto) e um bronze por equipes. Somadas às medalhas conquistadas nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020 — ouro no salto e prata no individual geral —, a atleta alcançou a impressionante marca de seis medalhas olímpicas, tornando-se a maior medalhista olímpica da história do Brasil.

Seu desempenho representa um marco sem precedentes para a ginástica brasileira. Além das duas medalhas de ouro, três de prata e uma de bronze, Rebeca estabeleceu o recorde nacional de conquistas em uma única edição dos Jogos Olímpicos, reafirmando sua excelência técnica, capacidade competitiva e extraordinária resiliência diante dos inúmeros desafios enfrentados ao longo da carreira. Sua trajetória transcende os resultados esportivos, tornando-se um símbolo de superação, inspiração e excelência para as novas gerações de ginastas brasileiros.



Rebeca Andrade

Ainda que a Ginástica Artística Feminina não constitua o objeto central desta obra, o legado construído por Rebeca Andrade merece registro especial, pois representa um dos capítulos mais brilhantes da história da ginástica brasileira e contribui significativamente para o reconhecimento internacional do esporte nacional. Sua carreira demonstra que o Brasil alcançou um novo patamar no cenário olímpico da modalidade, consolidando-se como uma potência mundial tanto na ginástica masculina quanto na feminina (CBG, 2024).

Do ponto de vista institucional, Paris 2024, consolidou-se um modelo de gestão baseado na integração entre clubes, confederação, universidades e equipes multidisciplinares, aspecto fundamental para garantir a continuidade dos resultados alcançados ao longo desses quatro ciclos olímpicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória da Ginástica Artística Masculina Brasileira nos Jogos Olímpicos, entre Londres (2012) e Paris (2024), representa um dos períodos mais significativos da história do esporte nacional. Ao longo desses quatro ciclos olímpicos, a modalidade consolidou um processo de desenvolvimento técnico, científico e institucional que permitiu ao Brasil deixar a condição de participante promissor para ocupar posição de destaque entre as principais potências internacionais da Ginástica Artística. As conquistas alcançadas nesse período não constituem acontecimentos isolados, mas o resultado de um projeto construído ao longo de décadas, fundamentado na formação de atletas, na qualificação de treinadores, na ampliação da infraestrutura esportiva e na incorporação do conhecimento científico ao treinamento de alto rendimento.

A conquista da medalha de ouro de Arthur Zanetti nas argolas, em Londres 2012, marcou um ponto de inflexão na história da modalidade. Pela primeira vez, um ginasta brasileiro alcançava o lugar mais alto do pódio olímpico, demonstrando que o país possuía condições de competir em igualdade com as tradicionais escolas da China, Japão, Rússia e países europeus. Mais do que um feito individual, essa vitória simbolizou a maturidade de um sistema esportivo que vinha sendo estruturado desde as décadas anteriores e que passou a servir de referência para as novas gerações.

Nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, a Ginástica Artística masculina confirmou que o sucesso obtido em Londres não havia sido circunstancial. As medalhas conquistadas por Arthur Zanetti, Diego Hypólito e Arthur Nory evidenciaram a consolidação da modalidade e demonstraram que o Brasil havia ampliado sua competitividade para diferentes aparelhos, deixando de depender exclusivamente de especialistas em provas específicas. A realização dos Jogos em território nacional também fortaleceu a visibilidade da ginástica, aproximando o público brasileiro da modalidade e estimulando novos investimentos na formação esportiva.

O ciclo olímpico de Tóquio, realizado em circunstâncias excepcionais devido à pandemia da COVID-19, apresentou desafios inéditos para atletas, treinadores e dirigentes. Apesar das dificuldades impostas pela interrupção dos treinamentos, pelo adiamento dos Jogos e pelas restrições sanitárias, a seleção brasileira manteve elevado padrão competitivo, confirmando a solidez do trabalho desenvolvido pela Confederação Brasileira de Ginástica e pelas instituições responsáveis pela preparação dos atletas. Embora os resultados não

tenham sido traduzidos em medalhas, o desempenho da equipe evidenciou a continuidade do processo de renovação e a capacidade de adaptação diante de um cenário sem precedentes na história olímpica.

Em Paris 2024, observou-se a consolidação dessa renovação. A participação brasileira confirmou que a Ginástica Artística masculina alcançou um estágio de maturidade que ultrapassa a dependência de uma única geração de atletas. A presença de novos ginastas em competições internacionais de alto nível demonstra que o país desenvolveu uma estrutura mais ampla de formação, capaz de assegurar a continuidade dos resultados obtidos ao longo dos últimos anos. Essa transformação constitui um dos maiores legados do período analisado, pois evidencia que a modalidade passou a ser sustentada por processos institucionais permanentes e não apenas por talentos individuais.

Ao longo deste livro, procurou-se demonstrar que o sucesso da Ginástica Artística Masculina Brasileira resulta da atuação integrada de diferentes atores. Atletas, treinadores, preparadores físicos, fisioterapeutas, médicos, psicólogos, árbitros, dirigentes esportivos, clubes, universidades, federações estaduais, a Confederação Brasileira de Ginástica e o Comitê Olímpico do Brasil contribuíram, cada um em sua área de atuação, para a construção de uma modalidade cada vez mais competitiva. Essa perspectiva coletiva permite compreender que as conquistas olímpicas são consequência de um trabalho interdisciplinar, contínuo e planejado, desenvolvido muito antes da realização de cada edição dos Jogos.

Outro aspecto evidenciado nesta obra refere-se à importância da produção científica para o desenvolvimento da modalidade. A incorporação de conhecimentos provenientes da biomecânica, fisiologia, psicologia do esporte, nutrição, medicina esportiva e metodologia do treinamento contribuiu decisivamente para elevar o padrão técnico dos ginastas brasileiros. Da mesma forma, a aproximação entre universidades e centros de treinamento fortaleceu a produção de pesquisas aplicadas à Ginástica Artística, permitindo que decisões relacionadas ao treinamento fossem fundamentadas em evidências científicas e não apenas na experiência empírica.

Sob uma perspectiva histórica, observa-se que o amadurecimento da Ginástica Artística Masculina Brasileira acompanhou importantes transformações ocorridas no esporte de alto rendimento internacional. O aumento da complexidade técnica das séries, a constante atualização do Código de Pontuação da Federação Internacional de Ginástica

(FIG), a profissionalização das equipes multidisciplinares e a ampliação das exigências físicas e psicológicas impostas aos atletas evidenciam que a modalidade se tornou cada vez mais desafiadora. Nesse contexto, o fato de o Brasil permanecer competitivo durante quatro ciclos olímpicos consecutivos demonstra a consistência do trabalho desenvolvido e a capacidade de adaptação da ginástica nacional às mudanças ocorridas no cenário internacional.

Entretanto, os avanços registrados não eliminam os desafios que ainda precisam ser enfrentados. A ampliação da base de praticantes, a descentralização dos centros de treinamento, a melhoria da infraestrutura esportiva em diferentes regiões do país, a valorização da formação continuada de treinadores e o fortalecimento das categorias de base permanecem como objetivos fundamentais para assegurar a continuidade do desenvolvimento da modalidade. Também se torna necessário ampliar o investimento em programas de iniciação esportiva, identificando talentos em diferentes contextos sociais e garantindo oportunidades de desenvolvimento para crianças e jovens interessados na prática da ginástica.

Outro desafio relevante consiste em fortalecer o diálogo entre o esporte de alto rendimento e a Educação Física escolar. A Ginástica Artística não deve ser compreendida apenas como modalidade competitiva, mas como manifestação da cultura corporal capaz de contribuir para o desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social dos estudantes. A aproximação entre escola, clubes e universidades pode ampliar significativamente o acesso à modalidade e favorecer a formação de novos praticantes, treinadores e pesquisadores.

Ao registrar a participação da Ginástica Artística Masculina Brasileira nos Jogos Olímpicos de Londres, Rio de Janeiro, Tóquio e Paris, este livro procurou contribuir para a preservação da memória esportiva nacional. Conhecer essa trajetória significa reconhecer o trabalho daqueles que dedicaram suas carreiras ao desenvolvimento da modalidade e compreender que as conquistas olímpicas são fruto de um processo histórico construído coletivamente. Preservar essa memória não representa apenas um exercício de valorização do passado, mas um instrumento para orientar as futuras gerações de atletas, treinadores e pesquisadores.

Por fim, espera-se que esta obra possa servir como fonte de consulta para estudantes, professores, profissionais da Educação Física, historiadores do esporte, treinadores e todos aqueles que se interessam pela Ginástica Artística Masculina Brasileira. Mais do que

apresentar resultados e estatísticas, este livro buscou evidenciar os processos que possibilitaram a consolidação da modalidade no cenário olímpico internacional.

A história aqui narrada demonstra que a excelência esportiva é construída por meio da continuidade, do planejamento, da produção do conhecimento e do compromisso coletivo com o desenvolvimento do esporte. Assim, as conquistas alcançadas entre 2012 e 2016 representam não apenas o encerramento de um ciclo histórico, mas, sobretudo, o ponto de partida para novos desafios e para a continuidade da construção de uma das mais importantes trajetórias da Ginástica Artística brasileira.

REFERÊNCIAS

BENDER, Natália; GOELLNER, Silvana Vilodre. participação de ginastas do Rio Grande do Sul nos Jogos Olímpicos: trajetórias, narrativas e memórias. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 59, p. 01-22, julho/setembro, 2019.

BORTOLETO, Marco Antônio Coelho; NUNOMURA, Myrian.; TSUKAMOTO, Mariana Harumi Cruz. **Ginástica Artística: fundamentos e treinamento**. São Paulo: Phorte, 2011.

CAPINUSSU, José. Mauricio. A política nos jogos Olímpicos. **Revista de Educação Física**, v. 136, n. 1, p. 58-64, Rio de Janeiro, 2007.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **História da Ginástica Brasileira**. Aracaju: CBG, 2024.

COSTA, Lamartine. Pereira da (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

FEDERATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. **History of Gymnastics**. Lausanne: FIG, 2024.

GUTTMANN, Allen. **The Olympics: A History of the Modern Games**. Urbana: University of Illinois Press, 2002.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Official Report of the Games of the XXII Olympiad Moscow 1980**. Lausanne: IOC.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Games History**. Lausanne: IOC, 2024.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE (IOC). **Olympic Charter**. Lausanne: IOC, 2023.

KAMEL, José Guilherme Nogueira. **As influências do professor Enrique Rapesta na Ginástica Artística Brasileira (1953–1990)**. Rio de Janeiro: Autografia, 2015.

MÜLLER, Norbert. (Ed.). **Pierre de Coubertin 1863–1937: Olympism – Selected Writings**. Lausanne: IOC, 2000.

OLIVEIRA, Maurício santos de; BORTOLETO, Marco Antônio. O código de pontuação da ginástica artística masculina ao longo dos tempos - DOI: 10.4025/reveducfis.v20i1.5885. **JPhysEduc** (Maringá) [Internet]. 29º de abril de 2009;20(1):97-107. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/5885> Acesso: em julho de 2026

REZENDE, Vitor Pedrini. Seleções de bronze: a ginástica artística masculina brasileira nos Jogos Pan-Americanos de 1979 e de 1987. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2021.

RUBIO, Kátia. **Medalhistas olímpicos brasileiros: memórias, histórias e imaginário**. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2006.

RUBIO, Kátia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, 2010.

RUBIO, Kátia. **Atletas olímpicos brasileiros**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2015.

SCHERER, Leonardo. <https://relacoesexteriores.com.br/esporte-ferramenta-de-politica-externa/> acesso em: Acesso em: abril de 2020.

TOOHEY, Kristine; VEAL, Anthony James A. J. **The Olympic Games: A Social Science Perspective**. 2. ed. Wallingford: CABI, 2007.

YOUNG, David. **A Brief History of the Olympic Games**. Oxford: Blackwell, 2004.



Ginástica artística

A Participação dos Atletas da Ginástica Artística Masculina Brasileira nos Jogos Olímpicos Londres 2012 a Paris 2024 - Volume III

A preservação da memória esportiva constitui um compromisso fundamental para compreender o desenvolvimento da Ginástica Artística Masculina Brasileira e sua inserção entre as principais modalidades olímpicas do país. Registrar essa trajetória significa reconhecer o trabalho de atletas, treinadores, dirigentes e instituições que, ao longo de décadas, contribuíram para transformar uma modalidade marcada por limitações estruturais em referência internacional. Entre os Jogos Olímpicos de Londres 2012 e Paris 2024, a ginástica masculina brasileira alcançou o período mais exitoso de sua história. A conquista da primeira medalha de ouro olímpica, a presença constante em finais e a consolidação de atletas entre os melhores do mundo demonstram a maturidade alcançada pela modalidade. Esses resultados refletem um processo contínuo de planejamento, aperfeiçoamento técnico e fortalecimento institucional desenvolvido pela Confederação Brasileira de Ginástica, pelos clubes formadores e pelo Comitê Olímpico do Brasil. Este livro analisa esse ciclo histórico, preservando não apenas os resultados esportivos, mas também os contextos que possibilitaram sua construção. Ao reunir informações fundamentadas em documentos oficiais e literatura especializada, pretende contribuir para a preservação da memória da Ginástica Artística Masculina Brasileira e servir como referência para pesquisadores, professores, estudantes, treinadores e todos os interessados na história do esporte nacional

